

Uma história de ficção
livremente inspirada
em FATOS REAIS

CONFISSÕES DE UMA NARCOTRAFICANTE

NINA

N. R. MAZZARELLI



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2024

BÚZIOS, RIO DE JANEIRO

Nós tínhamos uma casa em Búzios e todo Carnaval íamos para lá. Papai havia herdado o terreno do pai dele; depois que o vovô morreu, ele decidiu construir o que chamava de “refúgio da família Mazzarelli”. Quando eu era criança, até gostava de ir para lá, mas, agora, já adulta, achava meio chato passar o Carnaval com a família reunida. A vovó ainda estava firme e forte do alto dos seus 94 anos. Matriarca da família, a nonna Gioconda sempre ditava as regras, e ai de quem acordasse depois das 7 da manhã!

Quando criança, eu me aventurava pelas dunas de Arraial do Cabo, a cidade vizinha, com Túlio, meu irmão. Guardo boas recordações daquele tempo em que podíamos andar livremente pelas ruas, ir de bicicleta de uma cidade à outra e aprontar longe dos olhares exigentes do papai. Era longe para ir de bike, ficávamos exaustos, mas adorávamos encarar a viagem só pra ficar longe de Vicenzo, o “Carcamano Ranzinza”. Era assim que chamávamos o papai naquela época e ainda hoje o chamamos. Bons tempos...

Como Túlio estava em Boston concluindo um doutorado, padeci na mansão com Vicenzo, mamãe e a vovó, que sempre falava os mais pesados palavrões quando papai não estava por

perto e ficava enlouquecida ao ver o Thiago Lacerda na novela — que depois de *Terra Nostra* virou um *sex symbol*. Ela sempre se emocionava quando via essa novela. Acho que lembrava de suas origens... Nunca entendi alguém que gostasse de se torturar tanto quanto dona Gioconda.

Mas, como Búzios fervia no Carnaval, eu sempre dava meu jeito de fugir daquela reunião em família e cair na rua. Meus amigos do Rio vinham para a cidade, que tinha ótimas baladas, e aquele Carnaval não foi diferente.

Encontrei os populares Jorginho e Filipe na Rua das Pedras, o *point* da cidade. Eles eram os mais descolados, bagunceiros e também os mais velhos da minha turma do curso de medicina da UFRJ. E certamente eram os que conseguiam os melhores baseados da vida. Fumamos um do bom e nos divertimos muito naquela noite.

Os gringos entulhavam as ruas e lojinhas da cidade, mas a gente sempre conseguia fugir do tumulto, para curtir a nossa onda na praia, olhando o mar e as estrelas e falando as maiores abobrinhas.

No dia seguinte, fomos curtir a praia de novo. Estava lotada, sem espaço, mas a gente estava lá, como se não morasse no Recreio, que tem as praias mais iradas do Rio, e lá ficamos o dia todo. Eles eram ótimas companhias. Eu estava chapada e nem me liguei de usar protetor solar. No fim do dia, não aguentava colocar a bolsa no ombro de tanto que estava ardendo. Não deu outra: ganhei o apelido de “camarão”, não apenas por ficar super vermelha devido ao exagero no sol, mas também por uma associação com o camarão do *skunk*, ou seja, a flor do *skunk* que eu adorava fumar.



CAPÍTULO 2

UM NOVO AMIGO

O telefone do Jorginho tocou, e a gente tentou segurar a onda. Era um amigo deles do Rio dizendo que estava indo, mas só prestei atenção quando ele disse que estava com o camarão. Caímos todos na gargalhada, e o cara disse que estava chegando com uma boa pra gente. Logo me interessei e corri pra casa, para me arrumar. Achei que ele estava trazendo alguma droga diferente, alguma variedade de maconha, *purple haze* ou outra dessas boas — e raras — de Amsterdã ou da Califórnia... Doce ilusão.

Naquele dia papai estava mais chato do que de costume. Ele me perturbou o juízo com suas máximas “estamos em família” ou “você não para em casa”. Para os meus ouvidos, era meio hipócrita, mas... *Va bene*.

Vovó tentava colocar panos quentes enquanto babava pelo Matteo da novela, dizendo:

— Deixa a menina se divertir, Vincenzo. — Depois, baixinho, ela dizia pra mim: — *Dannato figlio di puttana!* — Eu olhava para ela, que imediatamente continuava: — Só eu posso chamar ele assim, afinal, a puta dessa história sou eu!

Nós ríamos sempre e tentávamos evitar que o papai, o homem puritano, ouvisse as besteiras e palavrões.

Decidi ficar em casa e fazer a vontade do *big boss*. Papai era do tipo que não gostava de ser contrariado. Me besuntei de hidratante para amenizar o ardor do sol e fiquei na minha, pensando no que o tal amigo estaria trazendo pra gente, e fui dormir. O bom de fumar camarão é isso: depois da onda, o sono é profundo.

No dia seguinte, saí sem tomar café e fui ao encontro deles numa pousada. Estava curiosa para saber qual era a tal boa que o amigo estava trazendo do Rio, mas os encontrei preocupados, pois ele ainda não tinha chegado. O trânsito para a Região dos Lagos era infernal naquela época do ano, mas realmente já era para ele ter chegado. Propus fumarmos um baseado para relaxar, e logo em seguida ele chegou, me olhando com desconfiança. Acho que pensou que Camarão fosse outro cara, e então os meninos explicaram que eu era “como se fosse homem”, sem insinuar que eu fosse lésbica. Nada contra elas, mas o que eles queriam dizer é que eu era fechamento.

Enquanto eles discutiam e explicavam a minha presença no meio dos homens, eu observava o tal amigo. Alto, corpo atlético e bonito, o tipo de homem com quem eu certamente ficaria. Ele estava afoito para contar o que tinha acontecido e, depois de relaxar um pouco com a minha presença, abriu o jogo: ele tinha sido parado numa blitz quando chegava em Búzios — aquelas que os policiais fazem em datas festivas só para tirar dinheiro do povo — mas a questão é que o carro era roubado, ele não tinha carteira de motorista e ainda tinha alguns grammas de *skunk* no bolso, ou seja, todo errado. Nesse momento, meus pensamentos conflitavam entre querer saber como ele havia saído daquilo e onde eu tinha me metido.

Essa crise de moralismo durou menos de 10 segundos, e eu já estava mais interessada em saber como ele tinha se livrado dos policiais, pois o cara era safo. Contou que se entregou, dizendo que não tinha carteira de motorista e que estava com drogas. Mas fez tudo isso planejando desviar as atenções do roubo do carro. As palavras dele soaram como música para aqueles policiais corruptos, que estavam justamente esperando pegar alguém e garantir um bom arrego para curtir o Carnaval. Eu ouvia a história, fascinada pela cara de pau dele.

Ele seguiu contando que negociou, disse que estava levando o dinheiro que tinha para a mãe e morreu em 300 reais. Ninguém resiste ao apelo de um filho dedicado, não é? E, para minha surpresa, os policiais ainda deixaram ele sair com o *skunk*. Ele terminou de contar a história rindo do feito, e eu, louca para ser amiga daquele homão da porra.

Percebi que ele ainda não estava à vontade na minha frente. Talvez por eu ser mulher, talvez por ter acabado de me conhecer. Mas o fato é que ele já tinha conquistado a minha admiração. Então, quis saber por que meu apelido era Camarão. Nós quatro rimos daquilo, e eu finalmente pude me apresentar.



CAPÍTULO 3

NINA MAZZARELLI

Me descrever não caberia no resumo de um capítulo, e de fato, não tenho uma descrição precisa. Sou fruto de tudo que compartilho como confissão neste livro. Em minha defesa, reconheço que cometi muitos erros, mas, no fundo, quero acreditar que tenho uma boa índole.

Para começar, não é possível falar de mim sem explicar um pouco sobre a história da minha família e como chegamos até aqui.

Nasci em uma família de classe média alta, no Rio de Janeiro. Meu avô, italiano, migrou para o Brasil trazendo consigo uma receita que o deixou milionário: sabia produzir o que se tornou um dos melhores vinhos do Brasil.

Com vinícolas no sul do país, administrou o negócio com mãos de ferro e enviou os filhos para pontos estratégicos: tio Marco foi para o norte e se radicou em Manaus, cuidando da distribuição dos vinhos para as regiões Norte e Nordeste; como papai não quis morar em São Paulo, foi para o Rio de Janeiro, para cuidar da distribuição nas regiões Sudeste e Centro-oeste.

Vovô acompanhava os negócios da família no sul, mas papai não tinha juízo. Como a maioria dos jovens àquela época, ele queria saber de festas, drogas, praia e mulheres. E ele tinha muito dinheiro disponível, então acabou negligenciando os negócios e quase levou a distribuidora à falência.

Vovô então decidiu mandar minha avó para o Rio, mas também não deu certo. Eram os anos 1970, a tropicália fervia — certa vez, na praia, papai chegou a dividir um sanduba natureba com Caê e Gil —, e a ditadura estava no auge, mas a maconha rolava solta pelas praias, e Ipanema ficou pequena para Vincenzo e a família Mazzarelli. Ouvi a nonna contando que, certa vez, papai chegou em casa pelado, dizendo que o mal que o acometera tinha sido o “tal de *mandrix*”.

Enfim, tentando tirar meu pai do mau caminho, eles compraram uma chácara em um lugar remoto, um bairro que tinha acabado de nascer, chamado Recreio dos Bandeirantes. E, depois de conhecer a mamãe, também descendente de italianos, ele começou a recolocar a vida nos trilhos. Até hoje acho que esse casamento foi arranjado na Itália, mas nunca consegui tirar essa informação deles.

Túlio veio primeiro, para a alegria de papai. Alguns anos depois, eu nasci. Apesar da enorme vontade de ter dois varões, papai passou a vida tentando se conformar com a realidade: era também pai de uma menina, embora nunca tivesse desejado isso. Mamãe teve complicações no parto, e, como morávamos em um lugar com poucos recursos, acabei nascendo em casa. E comigo veio a notícia de que ela não poderia mais ter filhos.

Sempre achei que esse era o real motivo de papai querer fazer de mim o menino que não havia tido, já que Túlio logo cedo

demonstrou seus interesses homossexuais, quando papai o pegou fazendo minha com o filho do caseiro. Tempos depois, o rapaz morreu afogado misteriosamente em um dos muitos canais do bairro, e a família dele decidiu voltar para o Nordeste. Mistérios da vida...

Mas papai nunca quis ser vinicultor. Gioconda, como boa nonna italiana, assumiu os negócios quando meu avô morreu e os conduziu até não ter mais forças para se deslocar para o sul ou ficar sem alguém da família por perto. Papai e tio Marco fecharam um excelente negócio com um francês, desses que depois de velho decide gastar o que ganha em euro aqui, onde o dinheiro vale quatro vezes mais. Além da venda milionária, eles mantiveram uma parte do terreno onde ficava o casarão e a adega com os primeiros tonéis do vinho produzido pelo vovô, uma exigência da minha avó. Segundo ela, o vovô dizia que aqueles tonéis eram o bem mais valioso da família Mazzarelli.

Normalmente nos revezávamos entre a mansão de Búzios e a fazenda Mazzarelli nas férias, mas hoje quem cuida da fazenda são os funcionários da vinícola. Faz parte do tal acordo de compra e venda que papai e tio Marco assinaram quando passaram o negócio para o francês.

Tio Marco sempre foi jogador compulsivo e não via a hora de colocar as mãos na herança; por outro lado, papai queria se livrar daquilo que o tinha atormentado durante a vida inteira. Ele administrava os investimentos da venda da vinícola, bancava os estudos do Túlio fora do Brasil — certamente para não conviver com o filho gay — e me mimava como podia, embora tenha tentado fazer de mim o que nunca havia conseguido com Túlio.

Vicenzo jamais admitiu aos filhos o seu passado inglório, imerso em drogas, armas e loucuras, mas a gente sempre soube.

Sabíamos inclusive que isso não tinha sido só zoeira da juventude, mas falaremos disso mais tarde.

Ele se tornou o Carcamano Ranzinza e vive esse personagem desde então.



AMOSTRA

CAPÍTULO 4

A OPORTUNIDADE FAZ O LADRÃO

Aquele Carnaval foi inesquecível... Depois de apertar mais uns baseados, o tal amigo finalmente se sentiu mais à vontade para contar o que tinha planejado. Como escrevi antes, não era uma droga boa que ele trazia. O que ele queria mesmo era aproveitar que a cidade estava cheia, que vários riquinhos alugavam mansões para curtir as baladas naquela época e roubar tudo o que tivesse de valor nas casas vazias.

Ri quando ouvi aquilo, porque não podia acreditar que ele estivesse falando sério. Levando na brincadeira, debochei da situação, dizendo que, se fôssemos assaltar casas, deveríamos pelo menos ter uma arma.

Ele olhou no fundo dos meus olhos, provavelmente muito puto pelo deboche. Nós nos encaramos por alguns segundos, e ele então tirou a arma da cintura. Olhei para ele novamente, mas ele já tinha desviado o olhar. Acho que esperava de mim uma reação de repulsa, mas tudo o que eu sentia naquele momento era admiração por aquele cara, cujo nome eu sequer sabia.

Obviamente, ele não me incluiu no plano e, como percebeu meu deboche sobre a arma, foi arrogante e disse que eu

nem deveria me meter, já que não participaria do assalto. Me senti desafiada, e começamos a discutir. Enfrentei ele de igual para igual, já que ser forte sempre foi uma das premissas do Carcamano. Ele me ensinou desde cedo a nunca abaixar a cabeça para quem quer que fosse.

Depois, apesar de duvidar de mim, o amigo aceitou que eu fosse. Acho que ele queria me assustar ou intimidar, sei lá. Só sei que eu tinha conquistado o direito de participar daquele assalto, o que me deixou ansiosa. Ele era o cara e tinha o faro muito apurado, e foi aí que percebi que não era a primeira vez que ele fazia aquilo.

Ele escolheu uma casa com jovens ricos e de fácil acesso. Rondamos a propriedade umas três vezes durante o dia e a noite, quando os playboys estavam na balada. Durante o trajeto, ele reclamou com os meus amigos. Disse que eu iria atrapalhar e falava como se eu não estivesse ali, naturalmente para me intimidar, mas eu estava cagando solenemente para ele.

Chegamos à casa, que, como esperado, estava vazia. Ele nos orientou, dizendo que nunca se deve entrar pela porta da frente. Pulamos o muro e fomos à procura da porta dos fundos.

Quando nos aproximamos da porta da casa, ouvimos um barulho, e eu gelei. Será que tinha alguém na casa? Já imaginei o Carcamano indo até a delegacia para me soltar e como ele falaria na minha cabeça, já que, alguns anos antes, tinha se tornado o baluarte da moral e dos bons costumes. Típico de quem quer esconder o passado, mas *va bene...*

Os meninos também ficaram nervosos, mas logo entendemos o que estava rolando. Um casal estava transando no banheiro da casa do caseiro, e o nosso novo amigo, muito esperto, foi sorrrateiramente até a porta e travou a maçaneta com um banco.

Eles não saíam dali tão cedo e também estavam muito ocupados para perceber que estavam sendo assaltados.

À porta da casa principal, os meninos tentavam encontrar alguma brecha, e o amigo já tinha sacado do bolso o seu “kit ladrão”, com grampos, chaves e outros objetos para arrombar a porta. Antes que ele continuasse, segurei firme na maçaneta e girei.

A porta abriu imediatamente. Às vezes, o óbvio funciona. Os três ficaram olhando para mim com cara de idiota, e eu me senti maravilhosa. Naquele instante, pensei que o amigo poderia reconhecer que me levar talvez não tivesse sido má ideia, afinal, poupei a todos um tempo precioso.

Entramos na casa, e as instruções que ele nos deu foram pegar tudo o que tivesse valor e fosse leve. Corri para a suíte e me deparei com um perfume feminino cheio da Versace. Embora pudesse comprar um se eu insistisse muito para o papai, aquele ali estava lá para mim. Peguei ele, e os meninos riram, mas no fim acabaram levando os perfumes masculinos também.

Era um assalto, sim, mas com eles parecia uma brincadeira, porque faziam graça de tudo. Pegamos o máximo de coisas que podíamos carregar e fomos embora.

Chegamos à pousada sem fôlego. Eu estava em êxtase, afinal, tínhamos trazido muitas coisas, mas o amigo não estava satisfeito e começou a planejar o próximo assalto. Como eu já tinha vivido emoções demais para um dia, peguei minhas coisas para sair, mas, antes, perguntei o nome do sujeito, e ele me respondeu:

— Eu me chamo Roll.



CAPÍTULO 5

ROLL

Acordei me sentindo uma criminosa de sucesso. Tinha um perfume da Versace, um colar novo e algumas notas de 100 reais. Gostei daquele sentimento e queria fazer de novo, mas naquela tarde eu não poderia fugir de papai e seu churrasco, que ele tinha aprendido a fazer com o nonno, durante sua infância e adolescência no sul.

Vovó passou a tarde falando da vida na vinícola, que sentia falta, que gostaria de voltar lá antes de morrer, e todos nós ficamos mexidos. Realmente, a hora dela já estava chegando...

Assim que o churrasco acabou e papai dormiu depois de não sei quantas doses de uísque, fui para a pousada dos meninos, mas eles não estavam mais por lá. Descobri que tinham ido para o outro lado da cidade, e lá fui eu atrás. Estava impressionada com aquele grupo e, principalmente, com o Roll. Tinha sonhado com ele naquela noite e sabia que ele tinha mexido comigo, mas não o encontrei. Jorginho e Filipe me disseram que ele estava na pousada, com duas mulheres, no quarto ao lado. Lembro que fiquei muito decepcionada, porque achei que estávamos criando uma conexão... Enfim, fazer o quê? Ninguém é perfeito. O cara gostava de *ménage*, e, naquele momento, me contentei com a amizade dele, ansiosa para cometermos o próximo delito.

Ficamos esperando o Roll se divertir com as duas garotas, para podermos organizar nossa próxima aventura. Depois de algumas horas, não me aguentei e bati na porta do quarto.

Uma loira sorridente abriu a porta. Logo atrás avistamos Roll apoiado no colo de uma morena mexendo no celular. Para mim elas tinham uma cara de baixa renda, sabe? Consegui identificar pelas roupas e pelo jeito que falavam.

Olhei para a cama bagunçada, os sutiãs e as calcinhas espalhados ao redor, garrafas e copos de bebida pelos móveis... Ele tinha gastado todo o lucro do dia anterior naquela festinha infame. Mas eu não tinha nada a ver com aquilo, certo?

Eu já me sentia parte daquela quadrilha e, com um tom autoritário, disse:

— Coé, Roll, bota ritmo. Já é 5 da tarde.

Ele olhou para mim da forma mais serena possível e finalizou com a propriedade do chefe da quadrilha:

— Eu sou o controle, Camarão!

Algum tempo depois, estávamos todos no carro. Eu não estava feliz com a presença das meninas, mas ia fazer o quê?

Rodamos alguns minutos até achar a casa perfeita. Ficamos em uma lanchonete próxima, espiando o pessoal que estava na casa, os carros importados na garagem, champanhe rolando na piscina... As companheiras do Roll certamente queriam estar do outro lado. Elas eram daquele tipo de menina que quer apenas diversão gratuita. Eu, porém, não tinha dúvidas do lado em que preferia estar.

